

Metodologias pedagógicas em Ciências para facilitar o ensino-aprendizagem de crianças com autismo

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.009-017>

Jéssyca Ananias Cipriano

Professora Licenciada. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do CEUNES-UFES. Núcleo de Pesquisas e Práticas Pedagógicas em Ensino de Biologia e Educação Ambiental (NPPBio).

Erica Duarte-Silva

Doutora em Ciências: Botânica pela UFRGS. Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do CEUNES-UFES. Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas (DCAB). Núcleo de Pesquisas e Práticas Pedagógicas em Ensino de Biologia e Educação Ambiental (NPPBio).
E-mail: profaericaduartesilva@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de buscar metodologias e intervenções através do trabalho autoetnográfico da presente pesquisadora, universitária e mãe de uma criança autista não verbal, de 5 anos, para auxiliar alunos, com esta condição, na superação de obstáculos, desenvolvimento da socialização, da fala, tendo como tema gerador, o ensino de Ciências. O método utilizado foi a etnografia da prática escolar, um método etnológico para não-antropólogos com objetivos educacionais. Baseia-se em revisão de literatura científica e educacional, entrevistas e trabalho de campo. Foram elaboradas as seguintes práticas de ensino, a seguir. Uso dos aplicativos: (1) Tiny puzzle (jogo da memória; sopa de letrinhas c/ alfabeto completo; associação de sons dos animais c/ sua forma); (2) Silabando (formar sílabas; aprender a forma das letras; formar palavras simples com sílabas). Foram, ainda, elaborados os seguintes jogos educativos: (1) Dinâmica com ímã alfabético; (2) Dinâmica 'A praia'; (3) Dinâmica das frutas e legumes; (4) Livro "Texturas da Natureza"; (5) Descobrimo o ciclo da vida; (6) Utilizando brinquedos prontos. Por fim, a pesquisadora fez observação participante no evento municipal: 'O autismo em nossas vidas'. Voltado para pais, mães e responsáveis de filhos com transtorno do espectro autista (TEA). Como resultados percebeu-se que após estimular as suas habilidades com as dinâmicas descritas, o participante da pesquisa com TEA passou então a ter uma nova habilidade, o hiperfoco passando a pedir para identificar as palavras para ele e falar as letras que formam essas palavras. Esse comportamento ocorre em vários locais como as embalagens de alimentos, placas na rua, em sua escola ou em casa. Por fim, o trabalho estabeleceu uma forma de comunicação não-verbal entre a criança e a mãe-pesquisadora, possibilitando comunicação da criança autista, aprendizagem do mundo que o cerca e alfabetização-letramento. Quanto a mãe-pesquisadora, a presente pesquisa possibilitou o acesso a eventos científicos e sociais voltados as famílias com membros com TEA, realização de uma iniciação científica voluntária, elaboração de um trabalho de conclusão de curso, e conclusão do curso de graduação, promovendo com maestria, novos horizontes a essa família tão capaz, que tão pouco necessita de acesso, desde meios de comunicação (verbal, não-verbal) até direitos fundamentais a Educação da criança, e da mulher.

Palavras-chave: Biologia, Etnografia, Autoetnografia, Educação infantil, Permanência na Universidade.



1 INTRODUÇÃO

1.1 MEMORIAL

Meu nome é Jéssyca Ananias Cipriano, sou residente da Ilha de Guriri, norte do Espírito Santo, estou no oitavo período da faculdade de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFES, Campus São Mateus e sou mãe do Pietro, um menino de 3 anos com autismo.

Em 2019, eu passei para o curso de Ciências Biológicas na UFES, Campus São Mateus. Nesse momento ainda não tinha conhecimento da gravidez, mas já estava a esperando. Pouco tempo depois descobri que estava o gerando, logo me veio muitas preocupações, de como conciliar a criação de um bebê com a jornada acadêmica.

No primeiro momento pensei até em desistir da faculdade para ser mãe, devido às dificuldades que encontraria, porém com o incentivo de minha mãe e meu esposo, resolvi prosseguir pois percebi que poderia ser mãe e estudante. Sabia que não seria fácil, mas que também, não seria impossível.

A gravidez desde o começo foi muito difícil, pois já possuía cálculo biliar que me gerava dores que poderia ocasionar contrações que levariam a um aborto. Devido a isso, sempre foi necessário um acompanhamento constante. O mesmo se intensificou ao meio da gravidez com o aumento da pressão arterial, levando-me a ter pré-eclâmpsia.

A conciliação do pré-natal e a faculdade foi muito difícil, principalmente os julgamentos de alguns colegas e professores, mas sempre fiz o melhor que estava ao meu alcance. Ao início do segundo semestre letivo tive que solicitar uma antecipação da licença devido os riscos da gravidez.

Em 2020, fui encaminhada para Colatina-ES para ter uma cesárea já que não poderia ser parto natural e o Pietro nasceu. Ele nasceu cheio de saúde, teve apenas uma icterícia que logo foi resolvida, e teve alta para voltarmos para São Mateus.

O Pietro sempre foi um menino muito enérgico, alegre e um pouco diferente das outras crianças. Um dos primeiros grandes desafios foi a alimentação. Vinte e sete dias após o parto, tive uma crise inflamatória da vesícula biliar devido a inúmeros cálculos, que acarretou em uma cirurgia de emergência. Devido à urgência da situação, fui obrigada a permanecer no hospital. Nesse período não pude amamentar meu filho devido à proibição de entrada de menores no centro de recuperação cirúrgico. Vale ressaltar que o ano era de 2020, durante a pandemia da COVID-19.

Fomos forçados a introduzir alimentação industrializada ao bebê. Mesmo após algumas horas sem se alimentar, ele simplesmente não aceitou alimento, nem fórmulas de diversas marcas que foi oferecida, tão pouco o mingau, absolutamente nada, o que me levou á grande desespero. Por prudência, extraí um pouco de leite materno e enviei por um familiar. Só assim ele se alimentou. Logo após este evento não estranhei ele rejeitar alimentos, ao menos percebi sua seletividade alimentar, e continuei a alimentar apenas com leite materno, que é o indicado. Decorrido 6 meses, na fase da introdução de alimentos, percebi uma rejeição para alguns alimentos, principalmente pastosos e leitosos, que



dificultou muito sua introdução alimentar. Com isso, foi introduzida frutas pastosas, e após, comida sólida.

Começamos a desconfiar que ele tinha autismo quando ele tinha apenas um ano de idade, mas não conseguimos o diagnóstico por ele ser muito novo. Ele tinha seletividade alimentar, gostava de enfileirar brinquedos, ele não brincava de forma funcional com os brinquedos, e executava movimentos repetitivos. Muitos médicos que procurávamos, diziam que ele iria se desenvolver posteriormente.

Durante todo esse processo continuei com os estudos, com o apoio principal de minha mãe e meu esposo que sempre estiveram ao meu lado. Por algumas vezes necessitei levar meu filho junto a mim nas aulas, mas às vezes não era tão bem recebida pelos professores, devido Pietro ser um menino muito agitado.

Com o passar do tempo Pietro não desenvolvia atividades comuns que outras crianças da mesma idade conseguiam. Percebemos que tinha um comprometimento em sua aprendizagem e fala, aos dois anos conseguimos seu laudo, finalmente.

Achávamos que finalmente conseguiríamos dar um tratamento médico a ele, porém até mesmo no atendimento particular, é difícil encontrarmos profissionais especializados na área. Além do alto custo financeiro, que acaba ocasionando o pouco acesso aos mesmos.

Aos três anos o matriculei em uma escolinha para sua idade, já que a escola é um grande espaço de aprendizagem e socialização, que são suas maiores dificuldades. Mesmo com o laudo, a vaga na escola foi negada. Vale lembrar que isso é ilegal. Porém sabíamos dos direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e reivindicamos o seu direito a escola regular que é garantido por lei, conforme o capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que aborda a educação especial.

Mesmo conseguindo sua vaga graças a lei, nos deparamos com uma grande dificuldade dos professores em saber como agir para contribuir com o aprendizado dele, devido à falta de convívio com autistas, não sendo somente uma dificuldade desta única escola mais de muitas.

Muitos casos de preconceitos já aconteceram com ele, causados por pessoas desinformadas sobre os sintomas presentes em pessoas com TEA. Já ouvi muitas vezes que meu filho era mal educado, que o autismo era contagiante, e muitas vezes o vi ser excluído de festas, por adultos que tinham medo da convivência do seu filho com um autista.

Hoje como mãe de autista, aluna e futura professora, vejo a necessidade de uma abordagem nas escolas e faculdades sobre as necessidades especiais, como o caso do autismo, para que situações como essas, sejam cada vez menos frequentes em nossa sociedade.

1.2 REFERENCIAL TEÓRICO

O transtorno do espectro autista é uma condição que afeta a parte neurológica, causando algumas características que são notadas ainda na primeira infância, que podem ser mais persistentes em alguns indivíduos que em outros. Podendo ter atraso de fala, movimentos repetitivos, comprometimento na comunicação e interação social, hipersensibilidade, dificuldade no aprendizado, entre outros.

Essa condição possui peculiaridades individuais e requerem a participação ativa dos pais juntamente com os professores para elaborar um plano de ação que proporcione a melhor aprendizagem, adaptação e inclusão social no ambiente escolar. Não existe uma receita pronta para fazer com que a criança com transtorno do espectro autista (TEA) aprenda com mais facilidade, todavia, construir a confiança entre professores e os pais, identificando a importância de cada uma dessas partes, já é o início desse longo processo (BRUNI & MACEDO, 2013).

Durante a infância enquanto ocorre o desenvolvimento da criança ela tende a associar nomes aos objetos, assim os identificando de forma funcional, ocorrendo através das suas vivências ocasionadas no meio externo, onde a informação estará se tornando conhecimento funcional. Todavia, as crianças com TEA, possuem sua interação social pouco desenvolvida, dificultando a utilização do conhecimento de forma funcional, sendo os objetos usados apenas para função sensorial, prejudicando a aprendizagem cognitiva. Os impactos que essa condição causa na criança, acabam por prejudicar a linguagem da mesma devido às dificuldades para simbolizar e nomear os objetos (CUNHA, 2017).

Na infância, é onde geralmente, se percebe os primeiros sinais do TEA, para o diagnóstico médico, na fase em que essas crianças estarão iniciando a fase escolar, nos seus primeiros anos de vida, o professor pode ter uma enorme contribuição nesse processo, pois passará um grande período de tempo com esta criança. Às vezes os pais podem até ter conhecimento dos sinais que a criança apresenta e ter dúvidas, se eles devem ou não procurar um profissional capacitado na área, destarte, o docente, quando bem instruído pode auxiliar os pais nesse difícil e muitas vezes, solitário processo.

Um dos grandes desafios a serem superados é o desenvolvimento da fala, que contribui fortemente para a alfabetização. Para Paulo Freire (1987), “ a alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de um mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra.” Logo, a alfabetização contribui tanto para o desenvolvimento social que é um dos grandes fatores a serem superados por pessoas autistas, quanto para o desenvolvimento cognitivo dos mesmos.

Sobre a importância do professor nesse processo, pode-se afirmar que:

O professor interessado pode fazer muito pelas crianças com autismo, mesmo que não seja especialista nessa área. Com amor, dedicação e paciência poderá ganhar a confiança eterna de uma criança. O primeiro passo é o conhecimento informações específicas sobre o funcionamento autístico são ferramentas essenciais para orientar o professor no trato com esse

aluno e sobretudo, auxiliá-lo em seu desenvolvimento. Algumas sutilezas, como falar baixo, chamar a atenção de forma delicada ou ajudá-lo a entender o conteúdo por meio de figuras ou imagens, são sempre muito bem-vindas. Para isso, é importante avaliar os pontos fracos de seu aluno e colocar em prática as estratégias. Seu empenho pode fazer uma enorme diferença na vida dele. Pode tirá-lo de um mundo com repertórios restritos e redirecioná-los a um universo repleto de novidades e atrativo. (SILVA; GAIATO e REVELES 2012, p.55).

Atualmente, muitos professores ainda não entenderam o seu papel frente a essa demanda social, por isso a necessidade da formação continuada e especializada para melhor atender esses alunos em sala de aula, principalmente devido o fato desses casos de crianças com essa prevalência, vir aumentando consideravelmente. (MOURA.; PEREIRA & RIBEIRO, 2023)

Quando falamos sobre o papel do professor durante todo processo de aprendizagem do aluno, faltam palavras para descrever sua importância, o professor não se faz necessário somente em questões educacionais e sim de vida, pois ele estará presente em grande parte do decorrer da vida do mesmo.

Segundo Lindomar Batista, "Ser professor é inventar, é reinventar, é ser criativo, é ser palhaço, é ser artista, pois a cada aula ministrada é uma peça teatral apresentada, a qual será lembrada pelos alunos, pois será a base, o alicerce para construírem o caminho do sucesso".

As pessoas com TEA requerem vivências formais e não formais para sua aprendizagem, sendo necessário proporcionar vivências e experiências diversificados locais sociais, tanto familiares quanto educacionais, possibilitando estratégias de mediação, adaptação e flexibilidade, sempre levando em considerações a sua condição particular e funcionamento cerebral. Já que possuem dificuldade na comunicação e interação social. (SILVEIRA; SANTOS & STASCXAK, 2021).

A inclusão é necessária para uma aprendizagem de qualidade, onde sejam levadas em consideração todas as características individuais. É imprescindível uma abordagem diferente, mas eficiente, para que educação, que é um dos Direitos presentes na Carta Magna de 1988, seja exercida (CONSTITUIÇÃO, 1988).

Sendo a inclusão, muito mais que uma forma de ensinar ou aprender, ela permite a socialização e a aceitação das diferenças individuais, que não são somente presentes em autistas, pois todas as pessoas possuem suas próprias especificidades.

Um pouco mais sobre a inclusão:

A inclusão de pessoas com necessidades especiais faz parte do paradigma de uma sociedade democrática, comprometida com o respeito aos cidadãos e à cidadania, defende a ideia de que o ensino se constrói na pluralidade e na certeza de que os alunos não são em qualquer circunstância, capazes de construir sozinho seu conhecimento de mundo. O processo de aprendizagem se funde na interação, a partir da qual desenvolve uma forma humana e significativa de perceber o meio. Valorizar as peculiaridades de cada aluno, atender a todos na escola, incorporar a diversidade, sem nenhum tipo de distinção. A inclusão de estudantes portadores de necessidades especiais nas classes regulares representa um avanço histórico em relação ao movimento de integração. A inclusão postula uma reestruturação do sistema de ensino, com o objetivo de fazer com que as escolas se tornem abertas às diferenças e competentes para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais. Por isso, todas as crianças que estão em escolas especiais têm o direito constitucional de entrar no sistema regular, em turmas condizentes com sua idade. Como



vimos, é essencial promover ações que visam a inclusão escolar, podendo utilizar como agente facilitador o uso das tecnologias como estratégias que permitam promover autonomia e independência na participação de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. (MOREIRA ET AL., 2022).

Hodiernamente, a educação inclusiva, vem sendo utilizado por muitas escolas de todo país, todavia muitas escolas não fazem o uso desta forma de educação ou a possuem de forma precária, mesmo possuindo um grande papel na vida desses estudantes. Muitas vezes essa ausência é causada pela carência de uma formação continuada e especializada desses profissionais, tornando a abordagem deste assunto indispensável.

Com base nos pressupostos acima, o presente trabalho tem por objetivo pesquisar Métodos didáticos para facilitar o ensino-aprendizagem de pessoas com autismo em Ciências. Tendo a disciplina Ciências da Educação Infantil e Ensino Fundamental, como tema gerador para uma educação holística do ser humano que abarca as suas necessidades mais urgentes, como no caso do Pietro, o desenvolvimento da fala, e socialização na família e na escola.

Sendo o desenvolvimento da fala, o ponto norteador para que os demais desafios sejam superados. Aulas práticas de Ciências da Educação Infantil, e Ensino Fundamental I podem levar a Linguagem a um nível concreto, facilitando a aprendizagem das primeiras palavras-chaves para o início, ou estopim, do desenvolvimento da fala. Levando em consideração, obviamente, as condições neurológicas, psicopedagógicas e fonoaudiológicas.

O mesmo documenta de maneira etnológica amadora algumas das realidades contemporâneas da Universidade Federal do Espírito Santo, Campus São Mateus, bem como, do norte do estado. Dentre elas podemos citar, a permanência de alunos na Universidade Pública, os limites e as possibilidades das universitárias mães, os preconceitos da escola tradicional e da docência formada na escola tradicional frente as diversidades, a vivência diária das mães, e pais, de crianças autistas, e as condições deficitárias do sistema de saúde, público e particular, do norte do estado.

Baseado nisso, será elaborada uma autoetnografia da presente pesquisadora, universitária e mãe de uma criança autista tendo como método a etnografia da prática escolar. Meu filho Pietro possui 3 anos de idade e é autista. Através do trabalho autoetnográfico, pretendo resgatar a nossa história de vida, com o intuito de buscar metodologias, soluções, intervenções que possam auxiliá-lo na superação de obstáculos, como o desenvolvimento da socialização e fala , tendo como tema gerador, ou meio, o ensino de Ciências.

O trabalho perpassa pelas seguintes temáticas que o justificam: a permanência de alunos na Universidade Pública, os limites e as possibilidades das universitárias mães, os preconceitos da escola tradicional e da docência formada na escola tradicional frente as diversidades, a vivência diária das mães, e pais, de crianças autistas, e as condições deficitárias encontradas no sistema de saúde, público e particular, do norte do estado do Espírito Santo.



2 OBJETIVOS

Com base nos pressupostos acima, o presente trabalho visa elaborar uma autoetnografia da presente pesquisadora, estudante universitária de Licenciatura em Ciências Biológicas no CEUNES-UFES, Campus São Mateus, e mãe de uma criança autista.

E possui os seguintes objetivos específicos: (1) utilizar a autoetnografia como um diagnóstico de necessidades para o desenvolvimento da criança autista, participante da pesquisa, (2) pesquisar métodos didáticos para facilitar o ensino-aprendizagem de pessoas com autismo em Ciências, (3) ter a disciplina Ciências na Educação Infantil e Ensino Fundamental, como tema gerador para uma educação holística do ser humano que abarca as suas necessidades mais urgentes, (4) desenvolver a fala, (5) desenvolver a socialização no seio familiar e no ambiente escolar.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 MATERIAIS

O presente trabalho utilizou os seguintes materiais: livros didáticos de Ciências da Educação Infantil, contexto escolar, contexto familiar, contexto social como elementos de aprendizagem. E o laboratório de Instrumentação para o Ensino de Biologia (IEB II) do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do CEUNES-UFES para aquisição e confecção de materiais didáticos doravante necessários.

Foram elaboradas as seguintes práticas de ensino abaixo. Para cada uma delas foram utilizados os seguintes materiais:

3.1.1 Prática “ímã alfabético”:

Fita magnética;
Alfabeto colorido recortado;
Políacetileno;
Cola instantânea;
Superfície ferromagnética.

3.1.2 Prática “a praia”:

Piscina plástica ou bacia;
Brinquedos em formas de animais marinhos;
Água ;
Areia.



3.1.3 Prática “frutas e legumes”

Velcro adesivo ;
Folha sulfite com as imagem de frutas e legumes impressas;
Polaceal;
Cola instantânea;
Pompons nas cores das imagens.

3.1.4 Pratica “ texturas da natureza”

E.v.a.;
Fita de cetim;
Cola instantânea;
Conchas;
Pedras;
Diferentes tipos folhas secas;
Gravetos ;
Castanhas secas;
Flores secas.

3.1.5 Prática “ Descobrindo o ciclo de vida”

Vaso plástico;
Muda de planta ;
Água ;
Terra.

3.1.6 Prática “Utilizando brinquedos prontos”

Brinquedo Senhor cabeça de batata;
Massinha de modelar.

3.2 PERCURSOS METODOLÓGICOS:

As sequências didáticas elaboradas serão investigativas de acordo com o referencial teórico-metodológico.

Para conhecer quais são os saberes ensinados em Ciências do Ensino Fundamental I, serão analisados os livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental utilizados na rede pública de São Mateus-ES, na escola onde estuda o participante da pesquisa.

Após a análise do livro didático de Ciências do Ensino Fundamental I, serão inventariados os materiais didáticos e as práticas de ensino inovadoras que podemos utilizar para estimular a fala e a socialização do educando em questão. Será considerada a história de vida da presente autora e de seu filho.

Para tal, será elaborado um resgate oral da história de vida dos mesmos, tal como explicitado no referencial teórico-metodológico. Além disso, serão pesquisadas animações nos seguintes meios de comunicação: Plataforma Youtube, Google, Google Acadêmico, TV aberta, TV por assinatura, livrarias, bibliotecas, bancas de jornal.

A depender dos resultados encontrados, será produzido um artigo cujo anexo constará os materiais encontrados e desenvolvidos.

3.3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Este trabalho consiste em um estudo de caso cuja metodologia utilizada foi o *trabalho do tipo etnográfico*, de acordo com os pressupostos teórico- metodológicos de André (2020). São trabalhos de curta duração, realizado por *não-antropólogos*, ou profissionais de outras áreas da ciência. Não possuem uma finalidade etnográfica em si mesmos, mas são realizados no intuito de buscar respostas para as áreas específicas dos pesquisadores em questão. A etnografia da prática escolar foi utilizada no presente trabalho para fins de resolução de problemas na prática docente, e subsídios para a Educação Ambiental e a Etnobiologia. Contudo, o valor histórico e etnográfico dos dados aqui apresentados transcenderam o seu caráter utilitarista, e foram compilados nesta obra, com finalidade distinta do objetivo inicial.

Os métodos utilizados na pesquisa foram: revisão de literatura científica, trabalho de campo e análise documental (André, 2020).

“Um trabalho pode ser caracterizado como do tipo etnográfico em educação, quando ele faz uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos. O pesquisador aproxima-se de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado. Como se dá esse contato? Primeiro não há pretensão de mudar o ambiente, introduzindo modificações que serão experimentalmente controladas como na pesquisa experimental. Os eventos, as pessoas, as situações são observados em sua manifestação natural, o que faz com que tal pesquisa seja também conhecida como naturalística ou naturalista” (André, 2015, p.25).

3.3.1 Observações participantes na etnografia

Optou-se no presente trabalho na observação participante como método de trabalho ao invés das entrevistas estruturadas, e semi- estruturadas. Os trabalhos aqui apresentados versam sobre observação participante, entrevistas intensas e, isoladamente, algumas entrevistas não- estruturadas. Segue abaixo uma percepção de Malinowski sobre dados aos quais são difíceis de se coletar por meio de entrevistas formais. “Malinowski percebeu que existe um problema metodológico de pesquisa

relacionado à forma como certas questões são salientes no pensamento cotidiano dos membros de uma sociedade, enquanto outras não são. Há coisas em nossa existência social sobre a qual não falamos, e isso se dá por várias razões. Uma delas é o fato de que internalizamos algumas formas de comportamento na infância e seguimos repetindo-as no convívio social, de forma habitual, sem colocar atenção em tais comportamentos. Outra é que aprendemos a evitar falar - e mesmo pensar - a respeito de certos temas, como questões ligadas aos tabus, mesmo que eventos de alguma forma relacionados a tais tabus sejam freqüentes. Malinowski se deu conta de que, ao permanecer por tempo suficiente com determinado grupo social, o pesquisador tem a oportunidade de observar comportamentos e eventos sociais (como certos rituais) que dificilmente seriam mencionados em entrevistas” (TADDEI & GAMBOGGI, 2011).

Taddei e Gamboggi (2011) afirmam que a etnografia, pode ser entendida como mais do que uma mera metodologia, mas tomada na sua acepção de diálogo intercultural. A experiência etnográfica, como instância especial da experiência mais genérica da comunicação, pressupõe, de início, seres em coexistência contextual, fazendo uso de seus recursos conceituais e materiais, para se posicionarem um frente ao outro, na dialética entre estarem existencialmente abertos (curiosidade) e fechados (medo).

Meihy (1996) menciona como pressuposto que a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado” (Silva, 2004). Os sujeitos constroem conhecimentos, a partir de uma intenção determinada de fazer articulações entre o que conhece e a nova informação que pretende absorver. Diante deste, escrever sobre a história oral de vida é gratificante, envolve todo um contexto histórico e sociocultural desde do passado até o contemporâneo. A história oral é indicada como uma perspectiva. Importante para a pesquisa de sujeitos, para os quais não há outro acesso, para responder a novas perguntas sobre antigos temas, provocar novos assuntos e abrir novas perspectivas de análises (Silva, 2004).

Nos trabalhos do tipo etnográfico, André (2020) recomenda a disposição dos resultados em separado da discussão, para que fique claro quais foram os resultados obtidos por meio da etnologia daqueles retirados da literatura, uma vez que a etnologia se baseia primordialmente em vivências, e a disposição dos resultados se dá por textos narrativos e dissertativos.

3.4 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

O presente trabalho foi desenvolvido contendo 1 participante da pesquisa, a criança autista com 5 anos de idade, e duas pesquisadoras: a orientadora, a discente-mãepesquisadora. Não houve participação da orientadora na aplicação das práticas de ensino e coleta de dados com a criança, participante da pesquisa menor de idade. As práticas foram desenvolvidas pela discente-mãepesquisadora em seu seio familiar. Foram desenvolvidas brincadeiras pedagógicas similares aquelas

desenvolvidas na escola na faixa etária do participante da pesquisa, sendo os riscos da pesquisa mínimos, como timidez ou cansaço ao desenvolver as atividades, aos quais foram sanados com pausas pequenas ou longas, a depender do processo. O participante da pesquisa executou somente as práticas de ensino aos quais ele se sentiu atraído. Os familiares, a parte da mãe-pesquisadora, o pai, e a avó que residem no mesmo domicílio, e domicílio vizinho, concordaram com a execução da pesquisa e estavam presentes no processo como testemunhas que estimam o participante da pesquisa menor de idade. A concordância por escrito (registro de consentimento livre e esclarecido) da mãe, do pai, e da avó.

4 RESULTADOS

4.1 APLICATIVOS UTILIZADOS

Tiny puzzle (jogo da memória; sopa de letrinhas c/ alfabeto completo; associação de sons dos animais c/ sua forma).

Silabando (formar silabas; aprender a forma das letras; formar palavras simples com silabas).

4.2 O USO DE JOGOS FÍSICOS PARA A EDUCAÇÃO

Foram selecionados diferentes tipos de jogos físicos para serem apresentados ao participante da pesquisa, com a finalidade de despertar seu interesse e também sua coordenação motora, já que as atividades diferenciadas ajudam no interesse das crianças a aprenderem se divertindo.

As atividades podem e devem ser desenvolvidas com todos os alunos, o incentivo a leitura e ao conhecimento das áreas de biologia pode e deve ser aplicada a todas as crianças, tornando possível assim à inclusão dentro da escola, ao mesmo tempo, todos se beneficiam da atividade.

4.2.1 Dinâmica com imã alfabético

Para essa dinâmica utilizamos um alfabeto, impresso de forma colorida, já que atraí mais facilmente o seu interesse, que foi plastificado para maior durabilidade/reutilização e colamos imã na parte de trás, para ser colocado em alguma superfície de metal.

Na presença de um adulto, o participante começou a pegar as letras e trocar de local, a cada letra que ele pegava em sua mão, o adulto vocalizava o som da letra correspondente, até que o Pietro passou então a tentar imitar o som, sendo um grande avanço, visto que uma grande característica da criança autista é não conseguir imitar e após o estímulo passou a tentar fazer o mesmo.

Esse imã alfabético também foi utilizado para formar palavras, que foram vocalizadas através do adulto presente, por exemplo, o seu próprio nome; o nome de objetos; o nome de animais, sendo notável o seu grande interesse em ouvir e também tentar reproduzir estes sons.

4.2.2 Dinâmica “A praia”

Na presente dinâmica procuramos formas de reproduzir o ambiente aquático (bacia com água) e terrestre (areia), os separando em uma piscina. Separamos forminhas com diferentes formas de vida desses ambientes, além de reproduzir os nomes desses animais também foram destacados as principais características, e colocando os mesmos em seu habitat mostrando os que tem vida semiaquáticas, terrestre e aquáticos.

A cada forma que ele pegava em sua mão repetíamos o seu nome, para sabermos se ele estava realmente associando o nome à forma do animal, falamos o nome do peixe errado, o chamando de tartaruga, logo foi possível observar na expressão do seu rosto que ele entendeu que estava errado e me deu novamente o brinquedo para que falasse seu nome certo, ele insistiu com o mesmo brinquedo até que falássemos o nome correto para ele , quando finalmente pronunciei que era o peixe, ele parou de insistir, demonstrando que realmente estava entendendo o nome do mesmo.

4.2.3 Dinâmica das frutas e legumes

Nessa dinâmica foram estrategicamente escolhidas frutas conhecidas e desconhecidas do participante, abaixo de cada uma das figuras está a escrito o seu nome, estimulando assim o reconhecimento do nome da fruta tanto em sua forma escrita, quanto oral , além do seu reconhecimento visual e as cores que são predominantes em cada um dos desenhos.

Para que a atividade proposta fosse realizada, houve a impressão e plastificação de uma página com as figuras selecionadas e nelas foram coladas um velcro e separados pompons de cores correspondentes a cor predominante de cada uma, fazendo com que o Pietro possa colocar cada cor em seu lugar correspondente, enquanto o adulto ao seu lado, pronúncia primeiramente letras que formam o nome e em seguida a oralização daquela palavra, para que ele possa ouvir e associar a forma visual, oral e escrita.

Após um tempo fazendo essa atividade diariamente, percebemos que ele passou a reconhecer as frutas e verduras ao se alimentar e se interessando por frutas que não gostava de se alimentar antes , como por exemplo o melão, que antes não ingeria, porém ao estar no supermercado e avistar o melão, pediu para pegar para ele, levando nossa mão até a fruta e a se alimentando da mesma quando a oferecemos a ele, mostrando um avanço até mesmo na sua seletividade alimentar devido a sua curiosidade, após isso , passamos a apresentar a ele várias frutas conhecidas e desconhecidas.

4.2.4 Livro “texturas da natureza “

Seguindo a ideia do jardim sensorial, que exercita os cinco sentidos, tato, visão, audição, paladar e olfato, elaboramos um livro produzido de e.v.a. em que cada página contém uma textura diferente trabalhar principalmente a parte sensorial tátil e visual do aluno em questão, junto com o

participante, realizamos um passeio no bairro onde moramos para que nele fossem separados e coletados materiais como pedras , folhas, graveto, areia, concha, entre outros, que fossem achados durante o percurso, inclusive na praia.

Esse livro foi construído juntamente com ele e ficou a sua disposição para que ele pudesse manusear sempre que desejasse , sem nenhum tipo de pressão, isso faz com que ele tenha mais segurança para manusear essas texturas desconhecidas que podem lhe trazer algum desconforto e aguça o interesse e curiosidade, tornando possível o seu aprendizado com respeito às suas dificuldades.

O fato do Pietro participar de todas as etapas também permite com que ele conheça mais sobre ecologia, pois saberá de onde cada parte presente neste livro , foi retirada, o que promove mais o seu conhecimento, pois cada vez que passar naquele local novamente, reconhecerá as partes retiradas de lá.

4.2.5 Descobrindo o ciclo de vida

O ciclo de vida pode ser observado através das plantas , logo podemos utilizar uma semente para se iniciar um ciclo de vida , observar todos os estágios: germinação(nascimento); crescimento; reprodução e morte, sendo um jeito ilustrativo para ensinar o participante sobre esse ciclo presente em todos seres vivos.

Para que isso ocorra foi estabelecido sementes e uma muda de diferentes espécies, com auxílio do adulto o Pietro participou ativamente de todo o processo, preparamos a semente e o local onde seria plantado a semente para germinação e estabelecemos um horário dentro de sua rotina para dedicar exclusivamente ao cuidado da semente, a cada etapa foram feitas as observações junto a ele do que estava ocorrendo.

Sempre o permitindo manusear , regar todos os dias, além de auxiliar na sua organização , também ajuda em aspectos motores, no seu conhecimento, para saber de onde vem o alimento, as frutas, verduras, além de participar do cuidado de uma horta em casa, trazendo mais interesse em consumir os alimentos, pois os vê todos os dias.

4.2.6 Utilizando brinquedos prontos

O mercado de brinquedos possui uma grande diversidade de brinquedos, então por que não utilizar os mesmos no processo de aprendizagem?!

Utilizamos o “ senhor batata” que é um brinquedo que utiliza massinha para formar as partes do seu corpo, para fazer o participante associar os nomes das partes de seu corpo.

Logo , quando o Pietro fazia o olho de massa de modelar, o adulto presente o mostrava o seu olho em seu corpo e assim por diante, após um tempo brincando, ele começou a fazer cada parte do



corpo do boneco e apontar estas mesmas partes no seu corpo, principalmente os cabelos, que foi a parte que mais lhe atraiu a atenção.

4.3 PARTICIPAÇÃO NO EVENTO: "O AUTISMO EM NOSSAS VIDAS"

Durante o processo de escrita do presente trabalho participei como ouvinte do evento, o autismo em nossas vidas, Com a palestrante Clarisse Schmidt - Neuropsicopedagogia e Desenvolvimento humano, que ocorreu nos dias 17, 18 e 19 de outubro de 2023, na rua coronel Cunha Júnior, São Mateus- ES.

A convite do professor universitário que é pai de uma criança autista. A fim de buscarmos entender um pouco mais sobre o autismo, para promover um melhor entendimento como mãe atípica e principalmente professora de futuros alunos com suas singularidades que são presentes dentro do TEA.

Já que como professores, temos que nos adaptar ao aluno e não ao contrário, principalmente com alunos autistas que possuem um olhar único e diferente de enxergar o mundo.

Conhecemos nele um pouco mais sobre o autismo e suas diversas formas de aprender, dentre elas foram citadas que o aluno autista precisa de pelo menos duas atividades diferentes para a escolha, já que eles necessitam de ter opções e poder de escolha, como por exemplo, duas atividades de biologia, mas que possuam métodos de aplicações diferentes, pois precisam ter a sensação de estar no controle da situação.

A sensação de não estar sobre o controle do que vai acontecer, pode gerar crises , assim como barulhos recorrentes, também podem levar a mesma, uma forma que os professores podem lidar com a situação é tirar a atenção do aluno no que está lhe causando desconforto e levá-lo a outra situação, perceber os sinais que precedem a uma crise , são essenciais para uma intervenção eficaz, impedindo que está crise ocorra. Outro fator importante em momentos de stress e não permitir que a criança associe a sua saída da sala a aquela crise, fazendo com que repita a crise para sair imediatamente daquela situação.

É de suma importante a capacitação das pessoas em torno desta pessoa autista, em casa e também na escola, para que seja mais fácil a percepção dos sinais iniciais , para que possam agir , impedindo assim que a criança machuque a si mesma e não passe também pelo desconforto desta situação.

Os alunos também necessitam de uma pausa entre as atividades, principalmente se o professor pretende mudar completamente o tipo de atividade, visto que a mudança traz um incômodo, pois estará causando a sensação de estar perdendo o controle daquela ambiente que estava confortável.

Os autistas necessitam de uma recompensa social, pois isso acarreta em uma maior chance, desse comportamento que foi recompensado, ocorrer novamente, por exemplo, Quando queremos

Recompensar socialmente o participante, batemos Palmas e sorrimos para que ele entenda que a sua ação deve ser repetidas mais vezes, desde pequeno percebemos que essa era a forma de recompensa social que ele mais entendia, porém poderia ser um elogio a sua ação entre outros, dependendo do aluno

Na participação desse evento foram citadas situações presentes em nossa sociedade que mostra o quanto ainda não estamos preparados para receber e acolher, pessoas com algum tipo de deficiência ou transtorno, levando a um pensamento crítico, o assunto abordado deve ser cada vez mais constante na sociedade para que Situações de exclusão e constrangimento não sejam presentes na vida dessas pessoas que já passam por muitos desafios ao longo de sua vida.

5 DISCUSSÃO

Um passo importante para criança entender sobre a biologia é a alfabetização dos termos biológicos, alfabetização e letramento científico (GONÇALVES et al. 2015). Porém, a Biologia vai muito além do que aprender termos, principalmente na idade do participante, logo quando conseguimos fazer com que ele entenda o que é a suas mãos, seus pés, ou para onde vai o ar que respira, estará aprendendo sobre a anatomia do seu corpo, que remete a Biologia, por exemplo.

Devido a este fato no presente trabalho, se procura aprender Ciências e Biologia enquanto ocorre o processo de alfabetização, já que seria impossível separá-las já que todos os conhecimentos estão conectados, para isso serão utilizados: atividades, jogos, aplicativos, entre outros, para auxiliar nesse processo árduo.

5.1 O USO DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO:

A tecnologia pode ser uma grande aliada á educação, quando usada de modo adequado. Um grande ponto presente no comportamento do participante da pesquisa no momento é a inquietação e desconcentração. No presente trabalho foram exploradas novas formas para contornar essa situação de maneira eficiente.

Tecnologia como recurso didático:

A utilização cada vez maior, das mídias digitais no ambiente acadêmico e corporativo como estratégia, com um público cada vez mais envolvido com a tecnologia, trazem para as instituições várias opções de recursos didáticos para lhes dar a oportunidade de responder às diferenças individuais e às múltiplas facetas da aprendizagem. (BITTENCOURT, P. A. S. & ALBINO, J. P., 2017, p.209)

Levando em consideração os pressupostos, foram separados alguns aplicativos que estimulassem a função cognitiva do participante. Após dois meses utilizando esses aplicativos de forma monitorada, o Pietro passou a vocalizar as letras A,E,I,O, quando avistava o alfabeto, apesar de até o momento não saber identificar a forma correspondente de cada letra, foi possível perceber a associação

do som ao alfabeto, levando a ideia de que ele reconhece que o som é participante daquele grupo e não corresponde a um objeto, por exemplo.

Além do auxílio na alfabetização, a sua memória também se mostrou estar sendo estimulada, pois ele foi capaz de relacionar cartões iguais, formando os pares, em torno doze cartas, totalizando 6 pares, além de ser capaz de montar quebra-cabeças com poucas peças, que antes do auxílio desses jogos não montava corretamente.

5.2 O DESENVOLVIMENTO DA FALA, SOCIALIZAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA, PARTICIPANTE DA PESQUISA

O participante da pesquisa é uma criança autista não-verbal. Sobre autistas não-verbais sabe-se que:

De 20 a 30% dos indivíduos com autismo nunca falam. Esse percentual é consideravelmente menor do que era há cerca de 10 a 15 anos, graças, em grande parte, à intervenção precoce e intensiva. Retardos na aquisição da linguagem são as reclamações mais frequentes dos pais. Os padrões usuais de aquisição da linguagem, como brincar com os sons e balbuciar, podem estar ausentes ou serem raros. (KLIN, 2006).

Após estimular as suas habilidades com as dinâmicas descritas, o Pietro passou então a ter uma nova habilidade, o hiperfoco passando a pedir para identificar as palavras para ele e falar as letras que formam essas palavras, esse comportamento ocorre em vários locais como as embalagens de alimentos, placas na rua, em sua escola ou em casa.

Sobre o hiperfoco podemos ressaltar que:

Crianças com autismo podem apresentar comportamentos distintos, algumas com a inteligência preservada, outras com o hiperfoco em determinado assunto. O hiperfoco então, pode ser definido como uma intensa de concentração num assunto ou tarefa, manifestando-se com ênfase em sujeitos que apresentam comportamento restrito e repetitivo (Lovas et al., 2015).

O mesmo ocorre quando ele presencia algum animal diferente ou um brinquedo que represente algo que ele ainda não conhece o nome, demonstrando uma alta capacidade de memorização, sendo observada uma expressiva confusão ao pronunciar a letra ou palavra errada, exigindo imediata correção das palavras corretas, além de uma extraordinária inteligência intuitiva ao brincar de encaixe de peças e tarefas do seu cotidiano.

Há evidência de alta taxa de ocorrência de Deficiência Intelectual (DI) no Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa evidência é questionável, uma vez que, de modo geral, os testes de inteligência, como por exemplo, as Escalas Wechsler de Inteligência, pressupõem a habilidade de compreender e/ou produzir a linguagem, habilidade frequentemente deficiente no autismo. É possível, portanto, que ao utilizar esses testes estejamos subestimando a inteligência desses indivíduos. Com efeito, diferentes grupos de pesquisadores têm mostrado que as estimativas de inteligência na população com TEA variam muito em função do instrumento utilizado para avaliação. Em particular, esses autores têm argumentado que



indivíduos com TEA apresentam um desempenho superior em testes que avaliam a inteligência fluida do que em testes que avaliam a inteligência cristalizada (SOARES, 2018).

Esse comportamento passou a ocorrer através do seu próprio interesse em saber o nome dos objetos e letras do alfabeto, levando a mão ou dedo ao objeto que ele quer saber, mediante a sua dificuldade em apontar os objetos que é uma das suas características presente, já que as crianças neuroatípicas tendem a usar a mão do adulto próximo como uma ferramenta para que ela possa conseguir o que deseja. Tentar conseguir uma citação sobre isso.

Bebês e crianças jovens com autismo podem guiar a mão dos pais para obter um objeto desejado, sem fazer contato visual (i.e. como se ela estivesse obtendo o objeto pela mão e não pela pessoa). Ao contrário da criança com transtorno de desenvolvimento da linguagem, não há motivação aparente em estabelecer comunicação ou tentar comunicar-se por meios não-verbais. (KLIN, 2006).

Os resultados podem parecer pequenos perante o que ainda deve ser trabalhado, porém vale lembrar, que o Pietro ainda possui apenas 3 anos, e está superando alguns desses desafios de forma divertida, no tempo dele, em momento algum impomos nossa vontade sobre ele, sempre partiu dele o interesse de participar. Não acho que sejam pequenos mas vamos deixar para a banca analisar. Acho que podemos explorar aqui quais são os próximos passos que temos que dar em casa, na escola, nos atendimentos especiais, no fonoaudiólogo, e neuropsicopedagogo.

Até o presente momento percebemos muitos avanços em relação as suas limitações, mesmo que ainda haja muitas que precisem ser trabalhadas, porém vale lembrar, que o Pietro ainda possui apenas 3 anos e está superando alguns desses desafios de forma divertida, no tempo dele, em momento algum impomos nossa vontade sobre ele, sempre partiu dele o interesse de participar.

6 CONCLUSÕES

Apesar do Pietro, ser autista não verbal, procuramos outras formas de linguagem, pois linguagem não é apenas falar e sim meio que a pessoa usa para se comunicar, o que já ocorre da sua forma, quando ele for desenvolvendo a sua fala já irá conhecer as letras, os animais, a forma que o escreve e talvez até mesmo no futuro próximo, esteja escrevendo, logo se equiparando ao desenvolvimento próximo ou até mesmo igual ao das outras crianças neurotípicas da sua idade.

Mais importante do que a fala, foi ele estabelecer um meio de comunicação com a mãe, e por seguinte, com a família, possibilitando dizer o que quer, aprendendo e ensinando, e assim, se desenvolvendo.

Quando a criança autista é estimulada tanto pela família quanto na escola desde sua infância, as chances do atraso poder ser superado se torna mais provável, logo não devemos tratar uma criança com TEA como inferior as outras, como se não houvesse capacidade de aprender, pois seu potencial é



grande e podemos auxiliar para diminuir os impactos, sempre tentando deixar mais próximo do nível de sua idade.

Optamos pelo uso do termo conclusões, e não considerações finais, pois foi aplicado um método de ensino, os jogos didáticos de alfabetização supracitados, e foram obtidos resultados concretos. A criança autista desenvolveu um métodos de comunicação com a mãe-pesquisadora por meio de objetos concretos, que a criança colocava e tirava de sua mão, a medida que a mãe falava a palavra correta que designava aquele objeto. Com a presença também de mecanismos de comunicação que a criança sinalizada para sua mãe, se a palavra associada ao objeto estava certa, ou errada. Desse modo, um método de comunicação entre a criança não-verbal e sua educadora foi gerado com potencialidades de se expandir para a comunicação da criança com o mundo, até que outros meios de comunicação, como a fala e a escrita, sejam desenvolvidos.

Esse foi um trabalho construído no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do CEUNES-UFES, Campus São Mateus, e é um ponto de partida na perspectiva do ensino de Ciências e Biológicas, com um referencial teórico Freiriano, focado na resolução de problemas reais sociais, numa perspectiva fraterna, solidária, e emancipatória. Mas o trabalho carece de continuidade nas mãos de profissionais especializados no autismo, na pedagogia, na educação infantil, e na educação e inclusão. O mesmo continuará a ser desenvolvido no núcleo de pesquisa, tanto no que tange ao desenvolvimento de praticas de ensino em Ciências, Biologia e Educação Ambiental para aumentar os processos de comunicação entre mãe e filho, mas também, o trabalho será encaminhado a especialistas da área, para ser revisado e ampliado, em termos, novas aplicações e discussões.



REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M.E.D.A. Etnografia da prática escolar. Campinas-SP: Papirus. 7 reimpressão. 128 pp. 2020.

BITTENCOURT, Priscilla Aparecida Santana; ALBINO, João Pedro. O uso das tecnologias digitais na educação do século XXI. Revista Ibero-Americana de estudos em educação, p. 205-214, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf. Acesso em: 02 de dezembro de 2023.

BRUNI, Ana Rita; MACEDO, Livia. Cartilha: Autismo e Educação, 2013. Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/aa_ppdeficiencia/aa_ppd_autismo/aut_diversos/Cartilha-AR-Out-2013%20-%20autista%20na%20escola.pdf. Acesso em: 02 de dezembro de 2023.

BRUNI, A. R.; GADIA, C.; MARCO, C. L. S. T.; HORA, C. L.; GUILHARDI, C.; ROMARO, C.; BORDINI, D.; PORTOLESE, J.; BAGAILOLO, L.; MACEDO, L. M.; MARTONE, M. C. C.; ANDRADE, M.; MENDES, M. H. T. O. S.; DUARTE, V. R. Cartilha Autismo e Educação. Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/aa_ppdeficiencia/aa_ppd_autismo/aut_diversos/Cartilha-AR-Out-2013%20-%20autista%20na%20escola.pdf. Acesso em: 02 de dezembro de 2023.

CANTO, E. L. D.; CANTO, L. C. CIÊNCIAS NATURAIS APRENDENDO COM O COTIDIANO. 6. ed. São Paulo: MODERNA, 2018.

CONSTITUIÇÃO (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, reimpressão de 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituição. Acesso em: 02 de dezembro de 2023.

CORRÊA, M. V.; ROZADOS, H. B. F. A etnografia como método de pesquisa em ciência da informação. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 22, n. 49, p. 1-18, 2017. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v22n49p1 Acesso em: 02 de dezembro de 2023.

CUNHA, Camila Vieira de Oliveira. Terapia ocupacional e transtorno do espectro autista: um estudo de revisão bibliográfica. 2017. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Terapia Ocupacional) - Curso de Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CUNHA, EUGÊNIO. Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família, 7 ed, Rio de Janeiro, WAK, 2017.

DUARTE-SILVA, E. .; CONCEIÇÃO, J. do R. .; ALMEIDA, P. S. Resgate histórico Do Haiti Durante a Guerra Civil (2006-2008) a Partir De Fotografias De Um Soldado Capixaba Na Organização Das Nações Unidas (ONU). RAPEES 2019, 3, 107-119.

FREIRE, PAULO. PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, 17^a. ed, Rio de Janeiro, PAZ E TERRA, 1987.

KLIN, A.(2006). Autismo e síndrome de Asperger: uma revisão geral. Brazilian Journal of Psychiatry, v.28,p.s3-s11, 2006.



MOREIRA, A. S. M. , NOVELO, D. C. , CANDIDO, L. , BRUNHOROTO, S. F. , PACOBELLO, L. R. N. & JACOMINI, M. L. (2022). EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO. Disponível em: <http://ibict.unifeob.edu.br:8080/jspui/bitstream/prefix/3678/1/GRUPO%2012%20-%20M%c3%93DULO%20ORGANIZA%c3%87%c3%83O%20GEST%c3%83O%20DE%20SISTEMAS%20E%20INSTITUI%c3%87%c3%95ES%20DE%20ENSINO.docx.pdf>

MOURA, P. F. L., PEREIRA, W. F. & RIBEIRO , F. V. EDUCAÇÃO GÊNERO E CIDADANIA: POR UMA RELAÇÃO DE IGUALDADE, Vol. 1, Científica Digita, 2023.

ROZÁRIO, E. M.; DUARTE-SILVA, E.; TEIXEIRA, C. C.; TEXEIRA, M. C. A Relação homem-natureza nas comunidades tradicionais da Ilhade Guriri: subsídios para a Educação Ambiental. Curitiba-PR: Appris. 1 ed. 185 pp. 2018.

SOARES, J. M. M. A inteligência no transtorno do espectro autista. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2018.

SILVA, ANA BEATRIZ BARBOSA; GAIATO, MAYRA BONIFÁCIO ; REVELES, LEANDRO THADEU. MUNDO SINGULAR, FONTANAR, 2012.

SILVA, A.M.H.D. (2004) FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: Resgate da educação feminina católica na Escola Normal São José (1916 –1972). Dissertação de mestrado. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora-MG.

SILVEIRA, N. M. G. ., SANTOS, L. K. F. ., & STASCXAK, F. M. (2021). Os desafios das crianças com autismo à Educação Inclusiva. *Ensino Em Perspectivas*, 2(4), 1–12. Recuperado de <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoem perspectivas/article/view/6620>

TADDEI, R. e GAMBOGGI, A. L. (2011). Etnografia, comunicação e meio ambiente. Caderno pedagógico, 8 (2): 09-28. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/832>